

Conclusão

O presente trabalho buscou caracterizar como a criança, cuja língua materna é o PB, adquire o *modo* verbal e a relação deste com os sistemas de desempenho articulatório-perceptual e conceptual-intencional. Para tanto, foi feito um estudo dos dados da produção espontânea de duas crianças de 1;5 a 2;5. Três experimentos também foram elaborados, nos quais crianças de 3 a 7 anos foram avaliadas quanto à percepção, produção e compreensão do *modo* verbal. Devido aos dados encontrados no Experimento 3, de compreensão, outro experimento (*follow up* – Experimento 4) foi idealizado para maior esclarecimento quanto ao desempenho das crianças e/ou ao *design* da tarefa.

As hipóteses de trabalho foram as de que: (i) as distinções morfológicas de *modo* são detectadas na interface fônica, ainda que possam apresentar dificuldades à criança em fase de aquisição da linguagem; (ii) a distinção conceitual *realis/irrealis*, sendo fundamental na cognição humana, levará a criança a buscar meios de expressá-la, ainda que de forma diferente da do adulto; (iii) a morfologia de *modo* é de difícil assimilação para a criança devido ao complexo TAM e à neutralização entre indicativo/subjuntivo pela qual o PB vem passando. Com base nas hipóteses descritas buscou-se o cumprimento de cada um dos objetivos.

Com relação à manifestação de *modo* na fala espontânea da criança, bem como na fala parental, verificou-se que a criança, na faixa etária investigada, qual seja, a de 1;5 a 2;5, produz o indicativo e o imperativo, mas não o subjuntivo, meio de expressão morfológica do *modo irrealis* no português. Investigada a fala parental, percebeu-se que o subjuntivo raramente é utilizado pelos adultos que com a criança se relacionam. Esta baixa exposição da criança ao subjuntivo pode ser uma das causas da não produção deste. Em adição, constatou-se que as condições que favorecem o uso do subjuntivo, tais como os períodos compostos por subordinação e os verbos de comunicação e de estado mental, apenas começam a despontar no inventário lingüístico da criança.

Constatou-se, também, que a criança falante do PB, nesta mesma fase, faz uso do infinitivo com características correspondentes às dos RIs de línguas de sujeito não-nulo, exceto pelo fato de alguns destes infinitivos serem utilizados em

contextos *realis* (cf. Perales et al., 2006; Liceras et al., 2006). Embora o percentual de infinitivos no total de produções das crianças analisadas seja baixo (12,7%), estes são utilizados em 86,3% de contextos *irrealis*. Assim sendo, os resultados obtidos estão compatíveis com Perales et al. (2006) e Liceras et al. (2006), sobre a existência de um estágio RI em línguas de sujeito nulo (com as devidas observações ao termo *estágio*, contidas na nota 4 do capítulo 3). Tais resultados permitiram constatar também que, inegavelmente, o infinitivo constitui um meio de expressão do *modo irrealis* no PB, quando a criança ainda não produz a morfologia do subjuntivo. Em adição, pelo fato de os infinitivos no PB deterem propriedades dos RIs que ocorrem em línguas de sujeito não-nulo, pode-se pensar que o PB esteja, de fato, perdendo seu status de língua de sujeito nulo.

Com relação aos experimentos conduzidos na presente pesquisa, o Experimento 1 (percepção do subjuntivo) revelou que a aquisição do subjuntivo é, de fato, custosa para crianças de 3 e de 5 anos. Contudo, foi constatado que a criança detecta a oposição entre indicativo e subjuntivo, embora apresente dificuldades em sua reprodução. Este experimento também demonstrou que a criança, ao se deparar com dificuldades na reprodução do subjuntivo, recorre ao infinitivo em substituição àquele. Este comportamento corrobora os resultados do estudo da produção da fala espontânea, uma vez que o infinitivo mostrou-se, de fato, como meio de expressão do *modo irrealis* no PB, quando a criança ainda não domina a morfologia do subjuntivo. Uma observação, entretanto, deve ser feita. O uso do infinitivo pela criança, até os dois anos de idade, difere daquele feito pelos adultos em termos de estrutura. A partir dos 3 anos, contudo, pode-se observar uma mudança neste uso, que começa a se assemelhar ao modo como o adulto o faz, qual seja, por meio de completivas de infinitivo. Esta mudança revela que a habilidade no uso do infinitivo evolui com o passar do tempo. Por último, também foi observada uma tendência de a criança substituir o subjuntivo pelo indicativo, o que apenas espelha um fenômeno que vem ocorrendo no PB: a neutralização da expressão morfológica do *modo* verbal.

O Experimento 2 (produção do subjuntivo) demonstrou que no intervalo de idade de 3 a 5 anos, o uso do infinitivo encontra-se consolidado pelas crianças, ao passo que o subjuntivo ainda apresenta grande dificuldade às crianças de 3 anos. Pode-se dizer que estas estão apenas em fase inicial de aquisição do subjuntivo, ao passo que as de 5 anos, encontram-se em pleno desenvolvimento desta mesma

habilidade, uma vez que, embora seu desempenho seja superior ao das crianças de 3 anos, ainda não dominam perfeitamente o subjuntivo. Este fato fica evidente por meio de suas respostas à tarefa. As crianças de 5 anos, ainda se encontram em fase de reconhecimento da necessidade do uso do subjuntivo em face da presença do complementizador *que*, enquanto que as de 3 anos não parecem estar cientes da mesma. De qualquer forma, há um progresso na aquisição do *modo* subjuntivo dos 3 para os 5 anos de idade. Também neste experimento, diante da dificuldade com o subjuntivo, a criança optou pela expressão do *modo irrealis* por meio de sentenças completivas com o infinitivo, uma opção que se apresenta na língua.

O Experimento 3 (compreensão do subjuntivo) evidenciou que tanto crianças de 5 como de 7 anos reconhecem a equivalência infinitivo/subjuntivo como expressão do *modo irrealis*. No entanto, no que diz respeito à oposição *realis/irrealis*, enquanto as crianças de 7 anos não demonstram dificuldades, ao que parece, as de 5 fazem uso de uma estratégia de resposta, na qual evitam responder às perguntas que suscitam maior demanda de processamento em termos de compreensão, ou seja, aquelas que requerem NÃO como resposta.

Finalmente, o Experimento 4 (*follow up*) demonstrou que a preferência por respostas SIM pelas crianças parece se dever, também, a uma dificuldade com a negação em si, independentemente do *modo* verbal, uma vez que a estratégia observada no Experimento 3, com o subjuntivo e o infinitivo, foi utilizada igualmente com o indicativo, *modo* verbal já consolidado pelas crianças de 5 e de 7 anos de idade. Em outras palavras, a despeito de a oposição *realis/irrealis* impor dificuldades às crianças de 5 anos, há que se levar em conta, também, aquela causada pelas respostas negativas. Tal dificuldade, ainda que não se relacione com o *modo* verbal em si (foco do presente estudo), é interessante do ponto de vista cognitivo, já que aponta para um problema relacionado a respostas negativas em tarefas do tipo SIM/NÃO.

Os resultados aqui encontrados são compatíveis com as hipóteses que orientaram este estudo. O tema da aquisição do *modo* verbal, contudo, ainda pode ser mais explorado, seja pela ampliação do número de crianças no estudo da fala espontânea ou por meio da avaliação de crianças acima dos 7 anos de idade. Outras tarefas também podem ser utilizadas em alternativa àquelas que fizeram uso de perguntas do tipo SIM/NÃO. Em adição, os papéis da escolaridade e da língua escrita na consolidação da morfologia do subjuntivo no português

certamente constituem valiosa informação para a complementação do presente estudo. Ficam registradas, portanto, estas sugestões para futuras pesquisas.